

# BOLETIM

INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXIV nº 1342 - 02/05/2016 a 08/05/2016

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

MANDIOCA

# SAUDAÇÕES DO MERCADO INTERNACIONAL

**SENAR-PR**

Parceria viabiliza  
novos projetos

**Leite**

Vaca feliz, produção  
em alta

[www.sistemafaep.org.br](http://www.sistemafaep.org.br)

Em junho do ano passado, em um discurso público, a presidente Dilma Rousseff proferiu uma de suas mais famosas declarações: “Eu estou saudando a mandioca. Acho uma das maiores conquistas do Brasil”.

Tal frase foi dita na abertura de um evento esportivo envolvendo indígenas de várias partes do mundo. A ideia – imagina-se, porque mesmo por trás de palavras sem muito sentido há de existir alguma ideia – devia ser destacar a importância da raiz para a alimentação dos primeiros habitantes da nossa nação.

Pois nesta edição do boletim, nós fazemos algo diferente: queremos saudar o agricultor brasileiro, que vem trabalhando para suprir uma demanda sempre crescente por esse produto agrícola. E a mandioca (ou o aipim, como se diz em algumas regiões do nosso Paraná), que já foi símbolo de uma agricultura de subsistência, de um produtor pobre que vivia da mão para a boca, começa a ganhar o mercado internacional.

Assim prosseguimos, à espera de políticos cujos discursos façam algum sentido.

**Boa leitura!**

# Índice

|                               |           |
|-------------------------------|-----------|
| <b>Amaranthus</b>             | <b>03</b> |
| <b>Mandioca</b>               | <b>04</b> |
| <b>SENAR-PR</b>               | <b>08</b> |
| <b>Agrotóxicos</b>            | <b>13</b> |
| <b>Febre Aftosa</b>           | <b>14</b> |
| <b>Milho</b>                  | <b>16</b> |
| <b>História - Peste Negra</b> | <b>18</b> |
| <b>Bovinocultura de Leite</b> | <b>20</b> |
| <b>Conseleite</b>             | <b>22</b> |
| <b>Notas</b>                  | <b>25</b> |
| <b>Piso Salarial</b>          | <b>26</b> |
| <b>Sindicato de Araucária</b> | <b>27</b> |
| <b>Eventos Sindicais</b>      | <b>28</b> |
| <b>Via Rápida</b>             | <b>30</b> |

## Expediente

### FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

**Presidente:** Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

### SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

**Conselho Administrativo | Presidente:** Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP; Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

**Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

**Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:** Cynthia Calderon | **Editor:** Franco Iacomini | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei | **Ilustração:** Icaro Freitas

*Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.*

**Fotos da edição 1342:** Fernando Santos, Milton Dória, Instituto Moreira Sales (IMS), Divulgação e Arquivo FAEP

# Vigilância reforçada

Entidades do setor fortalecem ações preventivas e informativas para evitar a chegada da *Amaranthus palmeri* no Paraná



Uma nova planta daninha, identificada como *Amaranthus palmeri*, entrou no radar de monitoramento dos produtores paranaenses. A espécie exótica de caruru, resistente aos herbicidas, inclusive o glifosato, foi identificada em campos do município de Lucas do Rio Verde, no Mato Grosso, na atual temporada. De acordo com a Embrapa, ainda são casos isolados, sem registro de perda de produtividade e/ou qualidade das lavouras. Mesmo assim, um trabalho de erradicação está sendo realizado no Estado mato-grossense.

Diante da situação, o sinal de alerta está ligado no Paraná em função do grande fluxo de caminhões carregados no Mato Grosso que atravessam o Estado rumo ao Porto de Paranaguá, no Litoral. Essa situação torna real a possibilidade da entrada da espécie por aqui.

“Existe a possibilidade de uma área que tinha *Amaranthus palmeri* ter sido colhida no Mato Grosso, algum vestígio da planta ser carregado no caminhão e trazido para o Paraná. Por conta disso, estamos realizando ações preventivas e informativas junto aos sindicatos rurais e produtores”, destaca o engenheiro-agrônomo Fer-

nando Aggio, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP. Até o momento, nenhum caso foi identificado no Paraná. “O objetivo é seguir desta forma. Não podemos ser pegos de surpresa como aconteceu com a buva”, complementa. A buva tem causado prejuízos em vários Estados produtores de grãos, inclusive o Paraná.

De acordo com Aggio, os produtores devem realizar o monitoramento constante das lavouras. Caso a *Amaranthus palmeri* seja identificada, o técnico responsável pela área e a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar) precisam ser comunicados imediatamente. Outros Estados, como Mato Grosso do Sul e São Paulo, pela proximidade com o Mato Grosso, também estão realizando ações preventivas.

Com origem nos Estados Unidos, a espécie exótica de caruru já gerou perdas significativas em lavouras de algodão, soja e milho por lá. “Ninguém sabe dizer como veio parar no Brasil”, diz Fernando Aggio.

## Cuidado para não confundir

Os produtores paranaenses precisam de atenção redobrada no monitoramento, pois a planta pode ser confundida com outras espécies daninhas comuns nas lavouras brasileiras. A *Amaranthus palmeri* possui estrutura espinescente na axila, ou seja, extremidade em forma de espinho. As folhas estão em forma simétrica no caule, com estrias longitudinais sem pilosidade.

A espécie apresenta plantas com inflorescência masculina ou feminina. No segundo caso, por meio do toque, a sensação é de um espinho.

# Organizando a mandioca

Produtores, indústrias e entidades buscam soluções para organizar a cadeia produtiva da raiz

Por André Amorim



Mandioca, aipim, macaxeira. Não importa o nome da raiz, trata-se de um dos alimentos mais presentes na mesa do brasileiro, que já foi até mesmo saudado pela presidente Dilma Rousseff durante um confuso pronunciamento à nação.

Apesar da importância alimentar estratégica, a cadeia produtiva da mandioca ainda carece de organização para que produtores e indústrias não fiquem à mercê de um mercado em que a imprevisibilidade é a regra.

A raiz é comercializada in natura, na forma de farinhas ou de fécula. Apesar do consumo de farinha ser maior no Norte e Nordeste do país, o Paraná é o segundo maior produtor nacional de mandioca, atrás somente do Pará. Apenas a região de Paranaíba responde por 5% da produção nacional. Também é aqui que está concentrada a maior parte da indústria de transformação. Segundo o pesquisador Fábio Isaias Felipe, do Centro de Estudos Avançados

em Economia Aplicada (Cepea), cerca de 70% da fécula produzida no Brasil é paranaense.

No entanto, a falta de um sistema integrado que regule e organize a oferta e a demanda faz com que a movimentação dos preços da raiz se assemelhe a uma montanha russa, com altos e baixos extremos. Quando a cultura remunera bem, a área plantada aumenta e gera excedente do produto no mercado. Ato contínuo, os preços caem e, na próxima temporada, a área é reduzida. Planejar qualquer atividade neste cenário é uma tarefa complicada.

Nesta safra 2015/16, segundo o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab), houve redução de 9% na área plantada no Paraná na comparação com a safra 2014/15. A produção caiu 11% nesse intervalo e a produtividade da raiz por hectare 2%. Com isso, a expectativa é que a produção paranaense, que foi de 3.959.757 toneladas em 2014/15,

passa para 3.541.781 t na atual safra. Até março deste ano, 13% das raízes já haviam sido colhidas e 14% comercializadas.

Segundo o engenheiro-agrônomo Christopher de Azevedo, do Departamento Técnico Econômico da FAEP (DTE), o excesso de chuvas no final de 2015 e no primeiro bimestre de 2016 prejudicou os novos plantios e baixou a qualidade das lavouras que utilizam ciclo de dois anos, atrasando o arranque das raízes. Depois da colheita, segundo ele, “o desafio, está em fazer com que a matéria-prima chegue à indústria no momento certo com preço e qualidade ajustados”, avalia.

Sazonalmente entre os meses de julho a outubro, a oferta de raízes fica aquém das necessidades da indústria. “Isso também reflete negativamente para o mandiocultor que muitas vezes não possui produto para entregar quando os preços estão atrativos”, explica Azevedo.

Em busca de soluções para organizar essa cadeia produtiva, no último dia 15 de março ocorreu, em Brasília, a primeira reunião da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Mandioca e Derivados de 2016. Na ocasião, o presidente do Sindicato Rural de Paranaíba, Ivo Pierin Júnior, que também preside esta Câmara Setorial, destacou a necessidade de mais treinamento, mais informação de mercado, e de encarar a exportação como uma alternativa viável para regular o mercado interno.

Segundo ele, no ano passado houve grande produção da raiz no Brasil. A ampla oferta baixou os preços, tornando os produtores brasileiros competitivos no mercado internacional. “Ocorre que não estávamos preparados para exportar a raiz. Seria uma grande oportunidade de recuperar os prejuízos do ano anterior, mas que a gente acabou perdendo”, observa.

De acordo com Pierin, a exportação poderia ajudar a regular o mercado e estabilizar o preço. “Imagine que ao invés de produzir, por exemplo, 600 mil toneladas de raiz, se produza 800 mil. Esses 600 mil cobrem os custos, remuneram o produtor e os 200 mil excedentes podem ser exportados, ou, se houver algum problema de produção, poderiam suprir a demanda interna”, pondera. “Hoje, quando existe excesso de produção, não tem onde colocar, aí depende de intervenção do governo”, diz.

Para facilitar a exportação, a cadeia está buscando apoio da Agência Brasileira de Promoção de Exportação e Investimentos (Apex). “As empresas precisam fazer certificações e tem que estar preparadas”, afirma Pierin. Há 40 anos atuando no setor – primeiro como produtor e mais tarde como produtor e industrial – ele nota uma abertura maior de espaço para as empresas brasileiras em feiras internacionais. Com clientes em todos os continentes, há poucos meses sua empresa participou de sua primeira feira internacional, realizada na França. Uma boa perspectiva para o setor nessa direção é a realização da Feira Internacional da

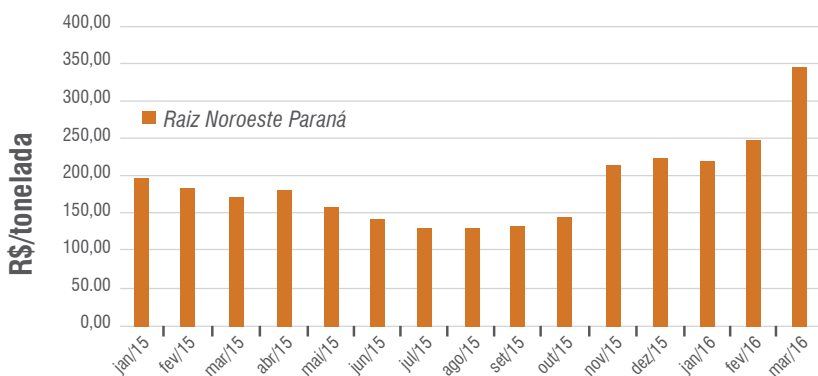


*Ivo Pierin Jr - presidente do Sindicato Rural de Paranaíba*

Mandioca (Fiman), em novembro deste ano, em Paranaíba (leia mais na pág. 07).

Outra questão que deve ser trabalhada, segundo Fábio Felipe, do Cepea, são os mecanismos contratuais do mercado de mandioca, de modo a garantir preços minimamente equilibrados para produtores e indústrias. Segundo ele, hoje, 80% da produção são negociadas no chamado “mercado spot”, onde as transações são imediatas, de acordo com a disponibilidade física do produto, bem diferente de commodities agrícolas como milho e soja, que trabalham com mercados futuros, onde é possível travar o preço desses produtos, possibilitando planejamento e evitando sustos. Fruto desse desencontro entre oferta e demanda, entre dezembro de 2015 e março de 2016 o preço da fécula teve um aumento de 50%. “Como a indústria vai conseguir manter seus mercados?”, questiona o pesquisador.

## PREÇOS NOROESTE PARANÁ RAIZ DE MANDIOCA - JAN/15 A MAR/16 (R\$/TONELADA)



Fonte: Cepea/ESALQ abr/2016

## Mais tecnologia

Também foi abordada na reunião da Câmara Setorial da Mandioca a necessidade de pesquisas aplicadas à cultura. O pesquisador Marco Antônio Rangel, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), falou sobre o problema de pesquisas duplicadas, que ocorrem justamente porque não há uma rede organizada no setor. Na sua opinião, com a estrutura de pesquisa atual, seria possível fazer muito mais. Segundo ele, uma das conquistas recentes da articulação do setor é a resposta de 13 processos de registro de defensivos agrícolas encaminhados para a cultura de mandioca, dos quais oito foram aprovados.

Segundo Pierin, hoje existe uma grande carência em agroquímicos para mandioca. “A falta de produtos próprios para essa cultura é um pouco limitante, pois impulsiona para o uso incorreto das moléculas que estão no mercado”, observa. A mandioca, segundo ele, foi a cultura que

impulsionou os minor crops (culturas para as quais não há defensivos próprios).

Para apoiar a pesquisa, foi criado o Centro Tecnológico da Mandioca (Cetem), voltado à pesquisa e ao suporte tecnológico para a cultura. Localizada em Paranavaí, a entidade é equipada com uma panificadora, onde são ensinadas técnicas para utilizar a mandioca na produção de alimentos. Além de um laboratório em que são pesquisadas novas aplicações para o amido na área alimentar.

## Promovendo a articulação

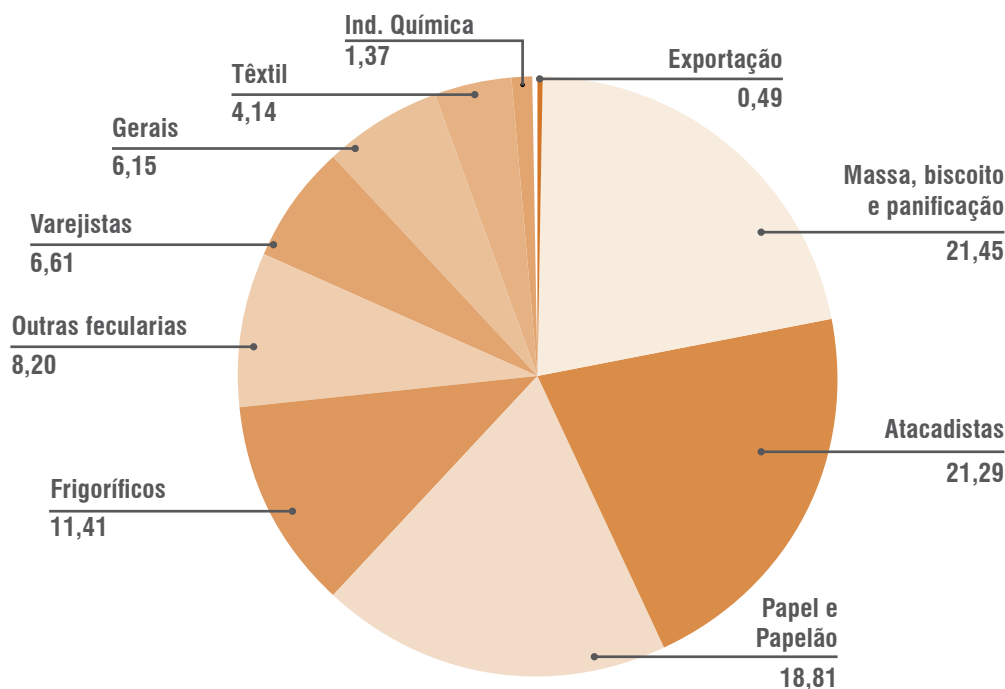
Com objetivo de dinamizar a cultura no Estado, o SENAR-PR elaborou um projeto para capacitação e assistência técnica da cadeia produtiva da mandioca. O objetivo geral é desenvolver ações e treinamentos, orientados às necessidades dos produtores rurais e pequenos empresários (produtores de fécula, farinha e mandioca de mesa).

A iniciativa – desenvolvida em formato piloto - compreende um ciclo de sete seminários que tiveram início em março deste ano e seguem até dezembro. Os temas de cada seminário estão de acordo com as etapas de produção da raiz, de acordo com a época necessária da cultura. Dessa forma, por exemplo, o seminário sobre preparo do solo será feito antes do plantio e assim por diante.

O primeiro ciclo de seminários foi feito em fevereiro e atingiu quatro grupos de produtores nas cidades de Paranavaí, São João do Caiuá, Tamboara e Alto Paraná. Os parceiros do SENAR-PR neste projeto são o Núcleo Regional dos Sindicatos Rurais do Norte e Noroeste do Paraná (Nurespar), Emater, as empresas Pódium Alimentos e Farinheira Ortiz e os sindicatos rurais das cidades de Alto Paraná, Paranavaí e São João do Caiuá.

Após o seminário, a Emater presta uma hora de assistência técnica para cada produtor participante.

## VENDA DE FÉCULA POR SETORES EM 2014 (EM%)



Fonte: CEPEA, 2015

## Raiz saudável e versátil



Em um cenário em que os consumidores buscam cada vez mais alternativas saudáveis para alimentação, a mandioca é uma grande aposta, pois trata-se de uma fonte de amido que não possui glúten. Hoje é comum encontrar pessoas que vem substituindo o pão pela tapioca, numa tentativa de evitar o glúten presente na farinha de trigo. Não só portadores da doença celíaca, que causa reação à proteína do glúten, mas também outros consumidores também buscam estas opções.

As possibilidades de consumo são imensas, basta analisar os diferentes usos que os indígenas faziam das raízes. Os omáguas do Alto Amazonas colhiam a mandioca e a enterravam deixando apodrecer parcialmente, para depois consumi-la. Os caiabis do Mato Grosso assavam

a mandioca com casca na brasa, outros produziam uma bebida chamada tiquira a partir da sua fermentação, e diversas tribos faziam beiju com a farinha.

O amido da mandioca (fécula) pode ser empregado em diversas finalidades. Na indústria de alimentos é amplamente usado na fabricação dos mais variados produtos. Na indústria têxtil atua na engomagem, na estamperia e no acabamento dos tecidos e na indústria de papel para a fabricação de goma, para dar corpo e resistência às dobras e ondulações do papelão.

A energia é outra potencialidade da raiz. Na China a mandioca é usada na produção de álcool combustível para reduzir a dependência do petróleo importado. No Brasil, muitos produtores já utilizam o metano proveniente da água residual do processamento de mandioca como fonte de energia. A estrutura se assemelha à dos biodigestores utilizados na suinocultura. No Paraná, muitas fecularias já utilizam esse processo.

A qualidade do amido produzido no Brasil é outro trunfo a favor da nossa indústria. Segundo Ivo Pierin, o amido brasileiro melhora as condições dos produtos alimentícios, pois é isento de sabor. “Por isso ele acaba sendo preferido em relação a outros tipos de amidos”, observa. Além disso, nossas indústrias são, por natureza, de pequeno porte. “É um diferencial de qualidade, pois processamos um produto mais fresco”, diz. Segundo ele, um grande apelo nesse sentido é a promoção do nosso pão de queijo no mercado internacional. “É um produto que não tem glúten e tem um bom sabor”, avalia.

## Feira de oportunidades

A terceira reunião deste ano da Câmara Setorial da Mandioca será na cidade de Paranavaí. A escolha não é aleatória, já que o município responde por 5% da produção nacional da raiz e concentra um parque industrial pujante e diversificado que inclui, além de fecularias e fábricas de farinha, indústrias de máquinas e equipamentos para atender produtores rurais e indústrias.

Outro motivo é que a cidade irá sediar, entre os dias 22 a 24 de novembro, a Feira Internacional da Mandioca (Fiman). Trata-se da primeira vez que o Brasil recebe uma feira internacional do setor. Serão mais de 100 expositores, como empresas que utilizam a fécula como matéria

prima, fabricantes de equipamentos para o campo e para a indústria, varejistas de produtos a base de mandioca entre outros.

Dentre os objetivos da feira estão a promoção de negócios, intercâmbio entre empresas do setor, fomento à expansão do mercado consumidor, aumento da qualidade e diversificação da produção de amido modificado. Para isso serão realizadas rodadas de negócios, rodadas de crédito e fomento, ações de apoio às exportações e oficinas de capacitação.

São esperados mais de 5 mil visitantes durante os três dias de evento, que será realizado no Parque Internacional de Exposições Presidente Arthur da Costa e Silva, na Rodovia do Café, BR 376, Km 100. Mais informações através do telefone (41) 3095-1776 ou do e-mail: contato@fiman.com.br

# Da sala de aula para soluções reais

Curso de capacitação profissional em Análise de Projetos, com apoio do Sistema FAEP/SENAR-PR, promove o desenvolvimento de iniciativas que trarão melhorias à população

Por Carlos Guimarães Filho



Pensar em uma solução para o volume de lixo produzido diariamente pela população, formas de desenvolver economicamente a pecuária de corte, ou, buscar maneiras de resolver problemas sanitários como o controle eficiente da doença Tristeza Parasitária Bovina (TPB) são desafios diários para os servidores do governo do Paraná e outras entidades. Pioneiro no Estado, o curso de Capacitação Profissional em Análise de Projetos tem colaborado para que projetos desta magnitude saiam do papel para promover melhorias reais e práticas à população paranaense.

Ofertado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR em parceria com o governo estadual, o curso, já na sua terceira turma, tem capacitado profissionais para elaboração de projetos e, mais, identificação de oportunidades. Em muitas ocasiões, existem recursos humanos e econômicos para levar adiante as ações. Porém, o problema esbarra na falta de metodologias para reunir as informações e os atores interessados compostos em uma rede que

permita apresentar soluções viáveis para o problema.

Até agora, duas turmas já foram certificadas, totalizando 60 participantes. A segunda turma reuniu profissionais de 16 órgãos e secretarias estaduais. As aulas da terceira turma começaram no início de abril. O curso é dividido em sete módulos, num total de 240 horas. As aulas são ministradas pela FAE Business School, em Curitiba, e já resultam em uma mudança de mentalidade.

“Não existia, dentro do Estado, uma padronização de projetos. Como tratamos diretamente com empresas privadas, muitas de grande porte, precisamos estar no mesmo nível de gerenciamento de projetos delas. O curso veio para reduzir essa discrepância entre o público e o privado e trazer o mecanismo, a padronização e as melhores práticas necessárias para a elaboração de um projeto”, ressalta Elton Augusto dos Anjos, coordenador de Parceria Público-Privada (PPP) da Secretaria Estadual de Planejamento (SEPL).



Elton fez parte da primeira turma do curso de Capacitação Profissional em Análise de Projetos e, hoje, muitos dos conhecimentos adquiridos em sala de aula já estão em prática na rotina de trabalho. “Antigamente, a gente fazia o redação do projeto, mandava para assinatura do governador e, depois, corria o risco de descobrir falhas. Agora temos a cultura de desenhar o fluxo do processo, inclusive com a análise de risco, antes de viabilizar”, complementa.

## Oportunidade real

Desde o surgimento da demanda, quando o Sistema FAEP/SENAR-PR e o governo do Estado se uniram para a elaboração das métricas do curso, a proposta é oferecer uma visão sistêmica e permitir o desenvolvimento da competência de colocar ideias no papel, transformando-as em projetos viáveis. Ou seja, o curso é uma oportunidade real para os servidores aprofundarem os conhecimentos e as competências sobre as boas práticas de gestão de projetos, técnica bastante valorizada para o desenvolvimento socioeconômico.

Foi assim na Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar). Após três colaboradores participarem da primeira turma, outros três aderiram ao curso – dois na segunda turma e um na terceira turma.

Adriano Munhoz Pereira, gerente de Recursos Humanos da Adapar, foi ainda mais longe. Os ensinamentos adquiridos na primeira turma do curso serviram de estopim para novos desafios. No ano passado, o profissional se filiou ao Project Management Institute (PMI) – associação que disponibiliza materiais sobre o assun-

to – e também participou do Congresso Paranaense de Projetos.

“Eu já tinha feito outros cursos e oficinas de projetos. Mas este na FAE foi mais completo e aprofundado, apresentando novas ferramentas e metodologias de gerenciamento. Isso despertou meu interesse em outras iniciativas”, destaca Adriano, que já está inscrito para participar do Congresso Paranaense de Projetos, que irá acontecer nos dias 25 e 26 de agosto.

## Projeto em ponto de bala

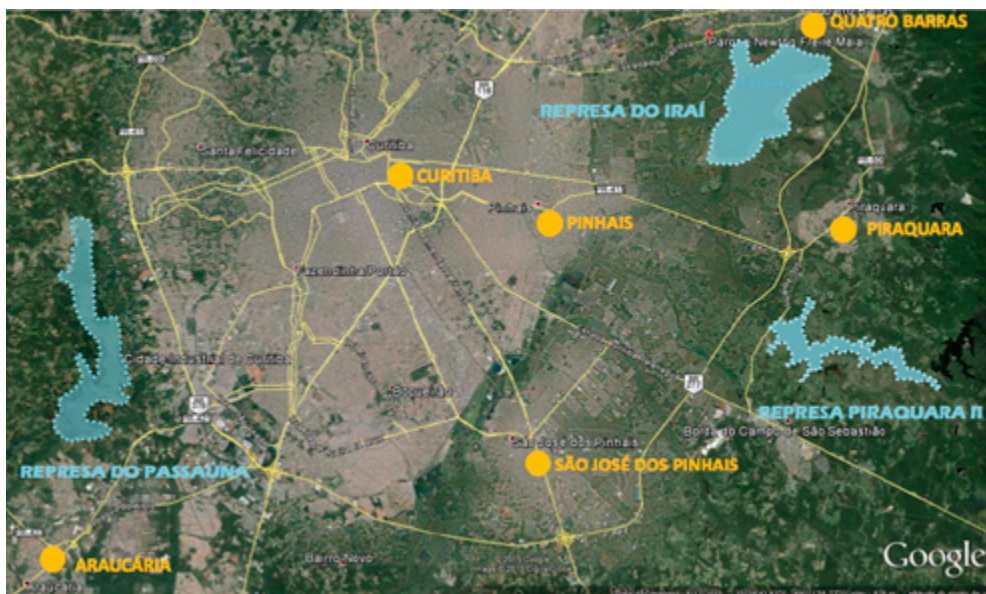
Marta Yoshie Takahashi, analista de planejamento e projetos da Paraná Projetos, frequentou as aulas da primeira turma e encarou o curso como uma oportunidade de melhorar o que já vinha fazendo. A bacharel em turismo aproveitou a oportunidade para aprimorar o projeto “Usos múltiplos das represas da região Metropolitana de Curitiba”. “Levei o projeto que já tínhamos para a equipe, que era bastante diversificada, e aprofundamos as questões técnicas e econômicas”, destaca.

Os primeiros resultados do trabalho desenvolvido ao longo do curso já estão aparecendo. Segundo Marta, a Sanepar entendeu que é uma necessidade o uso ordenado das represas do Passaúna, Iraí e Piraquara II, de onde é retirada boa parte da água que abastece a capital paranaense e outras cidades do entorno. “Fizemos um piloto e a Sanepar irá apresentar para potenciais parceiros privados. O curso foi fundamental para o projeto atual”, afirma. Entre outras medidas, o projeto inclui a construção de estruturas públicas de acesso as represas para a prática sustentável

de esportes aquáticos como iatismo, caiaque, pesca esportiva e stand up paddle.

O entusiasmo atrelado aos conhecimentos levados pela analista para dentro da Paraná Projetos despertou o interesse de outros colegas. Dois concluíram o curso recentemente, na segunda turma, e outros dois fazem parte da terceira turma, em andamento. Ao término do processo, 25% do corpo profissional da empresa estarão capacitados para o desenvolvimento de projetos, o que permite pensar em novas ações. “Com o aprimoramento da equipe, paralelamente ao trabalho, estamos avaliando implantar um escritório de projetos”, conta Marta.

## LOCALIZAÇÃO DAS REPRESAS DA SANEPAR



## O que dizem os alunos

Confira o depoimento de alguns dos profissionais que participaram da primeira turma do curso



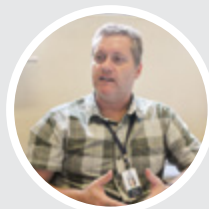
**Elton Augusto dos Anjos**, coordenador de Parceria Público-Privada (PPP) da Secretaria Estadual de Planejamento (SEPL).

“Hoje podemos demonstrar que os projetos estão sendo elaboradas com uma padronização, garantindo que o setor privado veja com bons olhos. Isso se mostrar ainda mais importante em um cenário de crise econômica, onde as empresas, diante dos cortes, irão escolher o estado que tem um padrão. O setor privado já tem a sensação de que o Paraná está evoluindo.”



**Elenir dos Santos da Silva**, coordenadora de projetos da Unidade Gestora do Fundo Paraná (UGF) da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti)

“O curso serviu de balizador para as tarefas do dia a dia. Conseguimos identificar, por exemplo, que não fazíamos análise de risco. Trouxemos isso do cur-



**Adriano Munhoz Pereira**, gerente de Recursos Humanos da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar)

“Não tem como falar de estratégias sem falar de projetos. E, a linguagem de projetos é universal, assim como as regras e as ferramentas. Mas existia uma lacuna entre o público e o privado. Com o curso, essa barreira foi quebrada. Agora o desafio é implantar a metodologia de projetos na Adapar com base nos conhecimentos adquiridos.”



**Marta Yoshie Takahashi**, analista de planejamento e projetos da Paraná Projetos

“Existe uma dificuldade do setor público se adequar a linguagem do privado. O trabalho desenvolvido no curso foi fundamental para estruturar um projeto de forma que se torne atrativo, com uma linguagem que desperte interesse. A tendência hoje é de parcerias público-privadas, e o público precisa de qualificação nos projetos. O curso permite isso.”



# O que eles propõem

Alguns dos projetos apresentados pelos alunos da segunda turma do curso



## Duplicação e Concessão Trecho Guarapuava a Ponta Grossa (PR)

**Participantes:** Edson Gonçalves (Deral), Edison Marques de Deus (SENAR-PR), Eduardo Gomes de Oliveira (SENAR-PR), Felipe Preto Grzebielucka (SENAR-PR) e Flaviane Marcolin de Medeiros (SENAR-PR).

**Resumo:** Diante do fato que o Paraná é uma das principais potências agrícolas do país, o projeto propõe a duplicação da rodovia no trecho entre os municípios de Guarapuava a Balsa Nova, administrado pela concessionária Caminhos do Paraná. O objetivo é melhorar a eficiência logística e, conseqüentemente, redução dos custos de transporte. Duplicada, a rodovia reduziria o estrangulamento rodoviário e permitiria o deslocamento mais rápido da safra de grãos até o Porto de Paraguá, no Litoral do Estado. De acordo com o projeto, os custos e os acidentes seriam reduzidos em 30% em relação aos números atuais, enquanto o tempo de viagem cairia 15%.



## Plano de Gerenciamento do Projeto HortiSul

**Participantes:** Antônio Leonardecz (Emater), César Lopes Scucuglia (Emater), Marcos Junior Brambilla (Fetaep), Gustavo Nunes Scariot (SENAR-PR), Maielly Barroso Pastorio (SENAR-PR) e Neder Maciel Corso (SENAR-PR).

**Resumo:** O objetivo é fomentar a produção de hortaliças e frutas nos municípios da região Centro-Sul do Paraná, por meio de ações de Formação Profissional Rural (FPR) e de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER). Para isso, o projeto prevê a capacitação de técnicos e produtores, promoção de Dias de Campo, execuções e seminários técnicos e a instalação de 14 unidades de referência. Os desdobramentos do projeto serão a oferta de alimentos seguros, com qualidade e rastreabilidade aos consumidores, gerar renda aos produtores rurais e melhoraria dos quesitos socioeconômico e ambiental da região.



## Implantação do processo de industrialização de resíduos sólidos nos municípios do Paraná até o ano de 2019

**Participantes:** Angela Soares (Paraná Projetos), Débora Grimm (Codapar), Francieli Garcia Pacheco (Adapar), Henrique de Salles Gonçalves (SENAR-PR), Katia Koti (Paraná Projetos) e Márcia Gottardello (SENAR-PR).

**Resumo:** Criação de um modelo de implantação de uma usina de industrialização de resíduos sólidos por meio da tecnologia de gaseificação. O projeto serve de referência aos municípios do Paraná que possuam capacidade de produção de resíduos sólidos acima de 200 toneladas/dia, de forma individual ou organizada em consórcios, que queiram implantar esta alternativa para resolver os problemas da destinação do lixo. Atualmente, dos 399 municípios do Estado, 93 possuem lixões a céu aberto. O projeto eliminaria 100% dos lixões do Paraná e reduziria 30% dos resíduos gerados.

## Projeto Xô Tristeza

**Participantes:** Ariana Weiss Sera (FAEP), Celso F. D. D'Oliveira (FAEP), Fabio Mezzadri (Seab), Marco Antônio Jacinto (SENAR-PR) e Marta Freitas (Adapar).

**Resumo:** A proposta busca promover a vigilância e o controle eficiente da doença Tristeza Parasitária Bovina (TPB). Atualmente, o quadro é adverso com uso indiscriminado de carrapaticida, tratamento realizado por leigos, falta de conhecimento sobre a TPB por parte dos produtores e dos médicos-veterinários das prefeituras. A meta, por meio do projeto, é reverter o quadro, com a implantação de protocolos de controle e vigilância, aumento do conhecimento do produtor sobre a doença e seu controle – o que reduzirá os índices de morbi-mortalidade da TPB. A implantação da proposta irá resultar na redução das perdas econômicas no rebanho bovino de corte e de leite do Estado.



## Modelo de qualificação de técnicos em cadeias produtivas: Bovinocultura de corte

**Participantes:** Guilherme Souza Dias (FAEP), Daniella Sgarioni de Faria (SENAR-PR), Daniel Roberto Galafassi (Apepa), Rosiane Cristina Dorneles (IFPR), Cezar Antonio Gaioto Soares (Sepi), Antônio Ricardo Lorenzon (Seab) e Marco Antônio Gonçalves (Seab).

**Resumo:** Criar um modelo de capacitação de profissionais do setor agropecuário replicáveis a todas as cadeias produtivas. A metodologia inclui aulas presenciais para turmas de até 20 pessoas, com carga horária de 160 horas, para capacitação dos profissionais. Após a implantação do modelo, os impactos positivos inter-relacionados serão a melhoria dos indicadores zootécnicos, aumento da renda dos produtores, elevação da arrecadação do Estado, entre outros. Futuramente, o modelo pode ser replicável a demais cadeias da pecuária estadual.



# Projeto cria política nacional de defensivos

Proposta de parlamentar gaúcho será analisada em comissão especial na Câmara



Agilizar e modernizar a legislação sobre o uso de defensivos agrícolas. Estes são alguns dos objetivos da comissão especial criada no último dia 12 abril, na Câmara dos Deputados, em Brasília, que vai tratar do Projeto de Lei nº 3200/2015 que regulamenta o mercado de agrotóxicos. De autoria do deputado federal Covatti Filho (PP-RS), integrante da Frente Parlamentar Agropecuária (FPA), a legislação propõe uma nova Política Nacional de Defensivos Fitossanitários fixando ações, objetivos e competências para o setor.

Assim como ocorreu com o novo Código Florestal, em 2011, a ideia é levar à sociedade mais informações sobre o uso de agrotóxico. “A agricultura não é viável sem o uso de defensivos químicos e há muitas informações divulgadas incorretamente, que denigrem a imagem do produtor rural”, informa o assessor técnico Gabriel Lemos de A. Pereira, do Instituto Pensar Agro (IPA).

O IPA ficou encarregado pela organização de um cronograma (plano de trabalho) para a condução da comissão. Segundo Gabriel, serão realizadas diversas audiências públicas com temas ligados ao uso de defensivos, como a caracterização da agricultura brasileira e sua tropicalidade; política nacional de Defesa Vegetal; tratados e

acordos internacionais firmados pelo Brasil afetos à Defesa Vegetal; gerenciamento dos riscos químicos ocupacionais, químicos ambientais e alimentares; entre outros.

A lei ainda prevê regras para a pesquisa, experimentação, produção, embalagem, rotulagem, transporte, armazenagem, comercialização, propaganda, importação, exportação, destino final de resíduos e embalagens, controle, inspeção e fiscalização de defensivos e de controle ambiental. O projeto também institui, na estrutura do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a Comissão Técnica Nacional de Fitossanitários (CTNFito).

A proposta já começou a ser debatida na Câmara e a deputada federal, Tereza Cristina (PSB-MS) está na presidência da comissão e o deputado federal, Luiz Nishimori (PR-PR), como relator. Ambos os deputados integram a FPA.

## Agroquímicos clandestinos

Dados divulgados pelo Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg) mostram que a comercialização de agroquímicos clandestinos ou ilegais cresceu 20% nos últimos 12 meses no Brasil. O número representa um faturamento de R\$ 9,6 bilhões. A morosidade dos processos de autorização para o uso de novas tecnologias para controlar novas pragas e surtos, como a *Helicoverpa armigera*, e os altos preços dos defensivos no mercado convencional, são os principais fatores da expansão dos insumos contrabandeados.

A lei do agrotóxico (Lei nº 7802/89) prevê para quem usa produto ilegal, multas de até R\$ 2 milhões, apreensão da produção e a destruição da lavoura, além de ter que responder por crime ambiental e contrabando. Em caso de reincidência, a multa pode duplicar ou triplicar.

Mesmo sob constante investigação da Polícia Federal e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama), de 2001 a 2015 foram apreendidos 549,4 toneladas de agroquímicos ilegais, 1068 pessoas foram indiciadas como suspeitas e 53 condenadas. Esse volume de produtos seria suficiente para tratar 5.873.185 hectares de lavouras.

# É hora de vacinar!

Bovinos e búfalos com idade até 24 meses precisam ser imunizados contra a febre aftosa durante o mês de maio



Desde o dia 1º de maio, os pecuaristas paranaenses têm compromisso em defesa da sanidade animal do Estado. Ao longo do mês que está começando, os bovinos e búfalos com idade até 24 meses precisam ser imunizados contra a febre aftosa. A expectativa é vacinar 4,2 milhões de cabeças até o dia 31 de maio, prazo final da primeira etapa da campanha.

A vacinação tem papel fundamental na prevenção e erradicação da doença. Atualmente, o Paraná é reconhecido como área livre de febre aftosa com vacinação pela Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). O processo de imunização é simples, o que permite agilidade e garantias a cadeia pecuária do Estado.

“O produtor já está habituado com o processo. Nossa meta é sempre imunizar 100% do rebanho. A média das últimas campanhas gira em torno de 97%. Depois sempre acabamos realizando ações complementares em busca dos produtores refratários”, explica Walter Ribeyre, coordenador do programa de febre aftosa da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar).

A imunização dos animais precisa ser comprovada por meio da nota fiscal de compra da vacina e o formulário de comprovação

de vacinação, que podem ser adquiridos nas casas agropecuárias. Após o processo, os documentos precisam ser preenchidos e entregues nas unidades locais da Adapar. Outra opção é fazer a comprovação de forma online, pelo site [www.adapar.pr.gov.br](http://www.adapar.pr.gov.br).

A segunda etapa da campanha de vacinação está marcada para novembro. Na ocasião, todos os bovinos e búfalos do Estado precisam se imunizados, inclusive os bezerros com poucos dias de vida. De acordo com dados da Adapar, o rebanho paranaense destes animais é de 9,3 milhões de cabeças.

## Punição

O produtor que não vacinar e/ou não comprovar será multado. De acordo com a legislação estadual, a multa mínima, para rebanhos de até 10 cabeças, é de R\$ 915,00. O valor aumenta conforme a quantidade de animais. Além disso, o dono da propriedade será proibido de transportar seus animais para qualquer finalidade.



## Dicas

1) Conserve a vacina em local resfriado, na geladeira ou caixa isotérmica com gelo. Nunca expor ao sol. Transporte a vacina da loja agropecuária até a propriedade em caixa isotérmica com gelo, mantendo-a refrigerada até o momento da aplicação.

2) Aplique a vacina com agulhas e seringas bem limpas e desinfetadas para evitar contaminações. Antes de usar, deixe a seringa e agulhas em água fervente por 10 minutos. Agite bem o frasco antes de usar.

3) A dose a ser aplicada é de 5 ml, para todas as idades, tamanho e peso do animal. Nunca aplique menos do que essa dosagem.

4) Aplique a vacina na tábua do pescoço, via subcutânea ou intramuscular. Evite aplicar no posterior (“traseiro”) do animal que é região de carne nobre.

5) Realize a vacinação o quanto antes, não deixando para os últimos dias da campanha.

## CARTA



Solicito mais uma vez, gentilmente, que sejam informados os nomes das empresas e cooperativas que participam dos levantamentos de custos promovidos pela FAEP. No último levantamento, publicado no BI 1307 de junho/15, não há esta informação.

## Integração

Estimada equipe da FAEP,

Na reportagem “Projeto Aprovado” no BI 1340, há um trecho que contradiz o PL:

“No Paraná, 100% da produção avícola são no sistema de integração, e aproximadamente 80% no setor de suínos também. Agora, com a aprovação da PL da integração toda essa produção vai ser regulamentada”...

De acordo com o parágrafo primeiro do artigo primeiro do referido PL, as integrações entre Cooperativas e seus associados não estarão no âmbito de aplicação deste PL, sendo regidas pela legislação das sociedades cooperativas.

Portanto, o correto é que nem toda a produção integrada será regulamentada pelo PL.

## Resposta

Olá, Maigel

Realmente as Cooperativas não aderiram ao PL das Integrações e não serão regidas pela lei.

Quanto ao nome das empresas que participam dos levantamentos de custos, nesses quase 10 anos que é realizado, não é de costume publicar o nome das indústrias, apenas as regiões.

Obrigado por colaborar com o Boletim Informativo!

Muito respeitosamente,  
**Maigel Damiani Dreyer**

# Alívio para quem precisa

Tarifa Externa Comum do grão cai, com a promessa de reduzir a pressão sobre custos dos suinocultores, avicultores e produtores de leite



A Câmara do Comércio Exterior (Camex) publicou no Diário oficial da União no dia 22/4, a Resolução nº 40, que reduz de 8% para zero a Tarifa Externa Comum (TEC) – o imposto de importação, como é mais conhecido – para o milho em grãos. A medida é válida por seis meses e está limitada a um milhão de toneladas. A isenção pretende atender a reivindicação de suinocultores, avicultores e produtores de leite diante da alta dos preços do grão no mercado interno. A redução da tarifa passa a valer para parceiros comerciais como os Estados Unidos, já que, dentro do Mercosul, ela já é zero.

“A medida visa aliviar os custos de produção das cadeias produtivas de aves, suínos e leite diante da menor disponibilidade de milho no cenário nacional como uma safra de verão reduzida, elevado volume exportado e aumento da demanda interna”, avalia o economista e técnico do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, Tânia Moreira Alberti.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que a região Sul concentra 42% dos rebanhos de bovinos, suínos e aves. E por isso tem uma demanda de 48% de todo o milho produzido no país para alimentação animal. Segundo a Companhia Nacional do Abastecimento (Conab) a região Centro-Oeste

é responsável 48% do total da produção brasileira de milho e a região Sul produz 28%.

A estimativa de produção total da atual safra brasileira de milho (1ª e 2ª safras) é de 84,6 milhões de toneladas. A segunda safra é mais importante em volume de produção e estimada (dados de abril) em 57,1 milhões de toneladas. Vale lembrar que as lavouras no Paraná e Mato Grosso foram atingidas pela seca e altas temperaturas no mês de abril, em nas fases críticas de desenvolvimento da planta. “A safrinha depende de chuvas urgentes para não ampliar o perfil de perdas”, acrescenta a economista.

Na última semana de abril as chuvas voltaram ao Paraná, seguidas por baixas temperaturas. O meteorologista Luiz Renato Lazinski, do Instituto Nacional de Meteorologista (Inmet), prevê que na última semana de abril as temperaturas mudem literalmente da água para o vinho, com queda brusca. “O El Niño está quase acabando e o produtor precisa ficar atento às chances de geadas nas áreas mais altas da região Centro-Sul”, informa.

O produtor José Roberto Caria Mortari, de Londrina, está muito preocupado. Ele plantou 137 hectares no início de março e ficou apreensivo com a falta de chuvas, que se estendeu por 20 dias





consecutivos. “A chuva veio na hora certa foram 55 milímetros de água. Vistoriei a área com o agrônomo responsável e a estimativa, se o tempo continuar ajudando, é de boa safra.”

Osni Arruda, produtor do município de Congonhinhas, também ficou muito apreensivo com a falta de chuva. “Fiz o plantio do milho em fevereiro e as plantas estão em fase de formação dos grãos, precisando de umidade. Vou vistoriar as lavouras depois das chuvas para avaliar, mas fiz seguro rural e isso me tranquiliza. O clima castiga a gente, e a saída é se precaver com o seguro rural”, diz.

## Safrinha recorde

Até o final de abril o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab) estimava que a segunda safra de milho paranaense ficará em torno de 12,64 milhões toneladas.

“Nas lavouras cultivadas com o milho safrinha no Estado, mais de 50% estão em frutificação, 31% em floração e 10% em desenvolvimento vegetativo. A falta de chuva por mais de 30 dias causou um impacto negativo no campo gerando possível perdas superiores a 2%, isso para a média do Estado. Já nas lavouras da região Norte as perdas podem superar 6% nos locais onde a cultura foi mais atingida pelas altas temperaturas”, avaliou o técnico do Deral Edmar Gervásio.

O Deral projeta para a safrinha de milho do Estado uma área

recorde de 2,15 milhões de hectares. “Todos os meses até o final da safra esse número é revisado e a área pode aumentar”, explica. Até o momento a área cultivada é 12% maior que a safra anterior, e com uma produção de 12,64 milhões de toneladas, 9% a mais do que 2015.

## Estimativas para o mercado internacional

- A previsão é de que haja um aumento de 6% na área plantada nos Estados Unidos, maior produtor mundial. Esse percentual aponta para a maior área plantada lá na série histórica.
- O Brasil é o segundo maior exportador mundial.
- Os preços na Bolsa de Chicago têm reagido nos últimos dias em função das perdas na América do Sul, na expectativa de que a demanda retorne para os Estados Unidos, com menores exportações do Brasil. A previsão de chuvas no Meio Oeste americano também dá suporte às cotações.

# A pior de todas as epidemias



*“O Triunfo da Morte” (1562), pintura do holandês Pieter Bruegel: a doença era vista como a grande ameaça à humanidade*

Deveu-se à ganância dos caçadores de peles a última grande epidemia de peste bubônica, que em sete meses apenas causou 60 mil vítimas. Aconteceu na Sibéria Oriental, em 1910. Um aumento no preço fez crescer a procura por peles de marmota – vendida nos mercados chiques da Europa como substituta da marta zibelina, animal de pelo macio, usado para fazer casacos. Até então, as marmotas vinham sendo caçadas apenas pelo povo mongol, que conhecia os seus hábitos e a estranha doença que por vezes as atacava.

Nenhum mongol caçaria um animal doente e, embora a carne e a gordura de uma marmota fossem consideradas saborosas, uma interdição local proibia o consumo do tecido gorduroso sob o baço – uma glândula linfática auxiliar, na qual, segundo a lenda, residia a alma de um caçador morto. Era do conhecimento dos mongóis que a doença afetava

facilmente esta glândula e infectava por vezes os homens. Quando isso acontecia com um caçador, o doente era irrevogavelmente abandonado ao seu destino.

Mas as peles estavam valorizadas, e naqueles primeiros anos do século XX milhares de chineses seguiram para a Manchúria do Norte (região na divisa entre a China e a Rússia). Estes não só se aproveitavam da facilidade que representava a caça aos animais doentes como tratavam cuidadosamente dos caçadores que adoeciam, ignorando que a doença contraída por contágio dos animais era a peste bubônica, uma das doenças mais mortíferas que o homem já enfrentou.

A peste alastrou das áreas de caça para a cidade de Manchuli, onde terminava a estrada de ferro chinesa na região. Depois, propagou-se por 2.700 quilômetros ao longo da linha férrea, matando dezenas de milhares de pessoas.

## Antibióticos funcionam, se o diagnóstico for rápido



*Frades Franciscanos tratam doentes da peste, em gravura de 1974*

A peste não é habitualmente uma doença humana, mas de ratos. É causada pela *Yersinia pestis*, uma bactéria cujas dimensões pouco excedem um milésimo de milímetro, transportada de um roedor para outro por moscas ou pulgas.

Há duas formas principais da doença: a bubônica e a pneumônica. Quando se é mordido por uma pulga que transporte a bactéria da doença, colhida num roedor infectado, surgem uns inchaços, chamados de “bubões”, no local da mordedura e nos nódulos linfáticos, em especial sob o braço ou na virilha. Essa é a forma bubônica. Na variedade pneumônica, as bactérias se alojam nos pulmões e podem ser expelidas pela tosse, ampliando a possibilidade de disseminação. Nas epidemias da Idade Média, entre seis e nove de cada dez pessoas infectadas morriam.

Vem daí a forma como a doença ficou conhecida. A expressão “peste negra”, criada no século XIV, tem a sua origem na utilização da palavra “negra”, no latim medieval, com o significado de algo terrível. Em 1348, cerca de 1 milhão de vítimas morreram na região de Florença. No mesmo ano, o papa Clemente VI, que então residia em Avignon, na França, propôs uma peregrinação a Roma. Nessa viagem, de cerca de 800 quilôme-

tros, mais de 1 milhão de peregrinos partiram, dos quais só regressaram 100 mil.

Lá pelo final do século XIV, a peste vitimara já 25 milhões de pessoas – a quarta parte da população mundial conhecida. Cientistas calculam que ocorreram 45 surtos de peste entre 1500 e 1720. O mais conhecido atingiu Londres, em junho de 1665. Um dos métodos preventivos usados naquela ocasião contra a propagação da peste foi queimar gatos, cães, ratos e ratazanas. A precaução, porém, foi tardia. Em 1666, mais de 68 mil londrinos tinham morrido, e a Europa receava outra pandemia. Em 2 de setembro desse ano, entretanto, um enorme incêndio ocorreu no centro da área mais populosa de Londres. O fogo se alastrou durante quatro dias, devastando quatro quintos da cidade, mas eliminando as condições anti-higiênicas que tinham contribuído para a propagação da doença. O incêndio, quem diria, acabou com a peste.

Hoje a peste é tratável com o uso de antibióticos. Mesmo assim, requer um diagnóstico rápido. Há casos recentes de mortes provocadas pela peste mesmo em regiões onde há uma boa estrutura médico-hospitalar. Em 2006, por exemplo, uma técnica de laboratório de Los Angeles, nos Estados Unidos, morreu em decorrência da peste. A região Oeste dos Estados Unidos, por sinal, tem registrado ocorrências periódicas da doença, principalmente em áreas rurais afastadas onde há presença de roedores silvestres. A ilha de Madagascar, a Leste da África, teve o último surto conhecido de peste, com 40 mortes entre agosto e novembro de 2014.



*“O motim da peste”, gravura do russo Ernst Lissner. A doença matou 100 mil pessoas em Moscou em 1774*

# Pensando como uma vaca

Metodologia de manejo criada por veterinário holandês sugere que o máximo descanso aos animais, resulta em aumento da produtividade

Por Katia Santos



Vaca feliz, produtor feliz e planeta feliz – uma espécie de “corrente do bem”, aplicada ao manejo da pecuária leiteira. É o que prega o holandês Joep Driessen, num misto de metodologia de trabalho e filosofia de vida apresentado no início deste mês no 6º Simpósio Internacional Leite Integral, em Curitiba.

Driessen é fundador e diretor do Centro de Treinamento Cow-Signals (em inglês, “Sinais da Vaca”), em Bergharen, Holanda. Lá, oferece cursos de quatro a oito dias de duração, custos à distância e vídeo-aulas. Tem cinco livros publicados, sendo que dois têm tradução para o português. Em linhas gerais, Driessen argumenta que os produtores devem compreender o comportamento do animal – pensar como uma vaca, de fato – para atender às suas necessidades e obter dele uma melhor produtividade. “Quando as pessoas são boas para as vacas, as vacas são boas para as pessoas”, resume.

E o que significa “ser bom para as pessoas”? Segundo Driessen, o manejo comportamental correto resulta em mais lactações, maior produtividade diária e mais tempo de produção. “Estudos comprovam que quando o produtor adota a metodologia Cow-Signals ele consegue obter cinco lactações, com uma produção média de 10 mil litros/ano ao longo da vida útil”, explica. Outra

vantagem é ambiental: redução de 30% na emissão de gás metano, que provoca efeito estufa e é considerado por cientistas um dos responsáveis pelo aquecimento global.

“Cada categoria animal tem suas características”, ensina. “As vacas se sentem mais seguras quando estão em grupo e precisam, na mesma intensidade, estar ocupadas comendo ou ruminando, mas também necessitam de horas de descanso para produzir mais. Elas precisam ainda ter rotinas que ofereçam fluidez nos deslocamentos. A grande maioria das propriedades têm barreiras físicas, empecilhos que dificultam o acesso dos animais ao alimento, à água e à sala de ordenha”, diz.

## A rotina de uma atleta

O desgaste de uma vaca que produz 30 litros de leite por dia, segundo Driessen, é o mesmo de um atleta de ponta. Para produzir bem em confinamento, os animais precisam de 4 horas de sono, dez horas de descanso e dez horas para comer e ruminar.

“Quando as vacas são criadas ao pasto, o tempo para urinar



diminui pela metade, pois elas têm que caminhar do pasto à leiteria e ainda esperar pela ordenha pelo menos duas vezes ao dia. Essa rotina deve ser feita com o máximo de serenidade, se os processos causarem estresse o primeiro efeito é queda da produção”, ressalta. Segundo Driessen, a maioria dos produtores não entende as necessidades das vacas. Fazem grandes investimentos em infraestrutura, mas não obtêm os melhores resultados por falta de conhecimento dos animais.

A metodologia está longe de ser uma unanimidade. Na terra de Driessen, a Holanda, país de tradição leiteira e reconhecido pela alta produtividade, apenas 200 fazendas (cerca de 1% dos produtores locais) usam os métodos da CowSigns.

Para ilustrar sua metodologia, o especialista apresenta a figura de um “diamante”, cujos vértices apresentam as seis principais necessidades das vacas: ar, água, luz, alimento, espaço e paz. Ar e luz são os mais fáceis de oferecer e mais baratos, em especial quando as vacas são criadas a pasto.

Mas, na avaliação do especialista, a maioria dos produtores de leite do planeta não oferece água de boa qualidade e alimento na quantidade adequada às vacas, o que é muito prejudicial à produção de leite. O alimento é um dos itens mais onerosos, embora seja obviamente essencial à produtividade.

Os produtores também precisam avançar em relação ao espa-

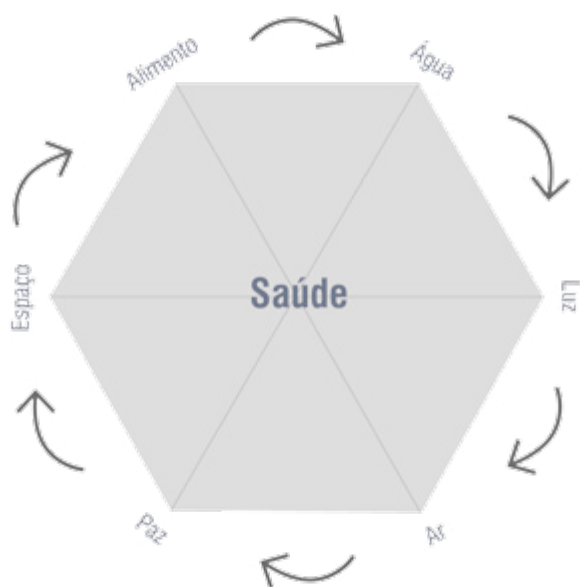
ço e à paz (que é traduzida como Bem Estar Animal, BeA). Quando a forma de produção é o confinamento (free stall), por exemplo, é preciso observar o comprimento das camas onde os animais se deitam para descansar. “Já visitei fazendas onde observei que a falta de solução para esses problemas acaba sendo incorporada a rotina e as soluções não são colocadas em prática. Por exemplo, quando as vacas ficavam um bom tempo ao lado da cama para descansar, mas não deitam. É preciso descobrir o porquê disso. Geralmente as camas são curtas e o animal não fica confortável, ou, as camas estão molhadas. É preciso observar e adequar às instalações” observa.

Geraldo Filgueiras Neto, médico-veterinário de Minas Gerais, é um dos poucos brasileiros que fez o curso CowSignals em março desse ano, na Holanda. “No Brasil, estamos preocupados em melhorar o padrão genético do rebanho e deixamos de lado o BeA. Os europeus perceberam que adotando os princípios de bem-estar o retorno dos animais aumenta”, comenta.

Filgueiras lembra que os livros foram produzidos para serem aplicados 100% no sistema free stall, modelo ainda pouco usado no Brasil. “A proposta é perfeitamente aplicável, eu diria acima de 80%, para outras formas de produção mais utilizados no Brasil como vaca em pasto ou confinadas em lotes” completa.

As expectativas de Filgueiras quando foi para Holanda é de que iria conhecer coisas totalmente inovadoras. “Durante o curso percebi que o que muda é o olhar, a observação em relação ao animal. Os sinais da vaca sempre estiveram lá, o que o curso nos ensina é enxergar isso”, diz.

## DIAMANTE DA SAÚDE DA VACA LEITEIRA



Fonte: Cow Signals

# O mercado azedou?

Em março o preço de referência Conseleite-PR rompeu a barreira de R\$1,00. A projeção continua de alta, mas custos e importações preocupam muito o produtor



Uma conjunção de alta no câmbio com queda no consumo e aumento nas importações traz instabilidade para o mercado brasileiro de leite. Nessa situação, um desdobramento que poderia estar sendo comemorado – o preço-referência do leite padrão rompeu pela primeira vez a casa de R\$ 1 por litro, em março – passou a ser visto como uma parte das dificuldades do segmento.

Essa realidade foi discutida na reunião mensal do Conselho Paritário de Produtores e Indústrias de Leite do Estado do Paraná (Conseleite-PR), realizada na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, no dia 19 de abril. O preço referência do leite padrão para o mês de março ficou em R\$ 1,0057. O valor projetado para abril mantém a expectativa de alta, estimado em R\$ 1,0410.

O problema: o aumento do valor pago ao produtor não significa maior rentabilidade. “O ciclo desastroso começou com a elevação do dólar, no ano passado”, explica o vice-presidente do Conseleite-PR, Ronei Volpi. “A alta do câmbio elevou os custos de produção. Com menor rentabilidade e o período de entressafra chegando, o produtor reduziu o rebanho e, conseqüentemente, caiu também a captação de leite pelas indústrias.” O aumento chegou ao consumidor via repasses ao longo da cadeia.

Duas instituições que acompanham o mercado de leite no Brasil – o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) – confirmam o quadro de elevação de preços ao consumidor. A pesquisa do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE, aponta que o grupo formado pelo leite e seus derivados subiu no país em média 4,25% de janeiro até o fim de março. Em Curitiba, a alta foi maior: 7,80%.

## Maior alta da série

Há dificuldades, entretanto, na sustentação dessa alta nos preços finais. A primeira delas decorre da queda do consumo causada pelo desemprego e pela perda de poder aquisitivo, conforme aponta o site especializado no mercado de leite Milkpoint. Em dezembro de 2015, houve uma queda de consumo de produtos lácteos na ordem de 2,7% em relação ao mesmo mês de 2014.

“A pesquisa de consumo aponta também a substituição pelo consumidor do iogurte pela bebida láctea, que tem preço menor.

Além do preço, as altas temperaturas contribuíram para o aumento do consumo deste produto”, argumenta o produtor e dono de laticínio Jandir Fausto Bombardelli, do município de Toledo.

O levantamento de preços de 14 derivados lácteos apresentado na reunião apresentou alta, puxada pelo aumento do preço do leite UHT (leite longa vida), que foi comercializado no mercado paranaense em março a R\$ 2,27. De acordo com o IBGE, a alta do leite longa vida em Curitiba foi 6,26% em março, e o preço acumulou 13,19% de elevação no primeiro trimestre de 2016. “Um dos aumentos mais expressivos da série histórica desse produto”, completa Volpi.

Mensalmente o Conseleite-PR acompanha a variação de preços praticados pela indústria dos produtos lácteos industrializados: leite pasteurizado, leite UHT, queijo mussarela, queijo prato, queijo parmesão, queijo provolone, leite em pó, bebida láctea, creme de leite, doce de leite, iogurte, manteiga, requeijão e leite cru.

## Para piorar, mais importação

O mercado internacional também apresenta desvalorização do preço do leite em pó devido à grande oferta da Oceania e à saída do mercado de dois grandes compradores, China e Rússia. Nos últimos três meses a tonelada do leite no mercado internacional está cotada em média a 2 mil dólares. Há dois anos a tonelada chegou a ser comercializada a 5 mil dólares. Aliado a isso as mudanças políticas que favorecem as exportações na Argentina, grande produtor de leite, também trazem mais preocupações aos produtores brasileiros.

Tradicionalmente o Brasil não exporta grandes volumes de leite em pó, mas as importações de queijos e leite em pó com preços mais atrativos dispararam no mês de março. Os números apresentados são da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Em janeiro as importações de produtos lácteos somaram US\$ 21 milhões, em fevereiro US\$ 22 milhões e em março saltaram para US\$ 43 milhões.

A origem das importações é, principalmente, da Argentina e Uruguai. No dia 20 de abril, o presidente da Comissão de Leite da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Rodrigo Alvin, se reuniu com as autoridades argentinas para negociar as cotas de exportação de lácteos para o Brasil.

O acordo vigente prevê a importação de Argentina de até 3,6 mil toneladas/mês. As cotas são negociadas anualmente e o contrato venceu dia 30 de abril. “Como o momento brasileiro é de retração do mercado, tanto na produção e principalmente de queda no consumo, causado pela crise econômica e desemprego da população esperamos que a cota de importação seja reduzida. A situação do produtor de leite brasileiro é realmente muito preocupante. Normalmente realizamos as negociações após três encontros, mas ainda não fechamos as datas das próximas duas reuniões”, afirma Alvin.



## Minas Gerais

Participou do encontro recente do Conseleite o presidente da Comissão Técnica de Pecuária de Leite, da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Minas Gerais (Faemg), Eduardo de Carvalho Pena. Ele veio ao Paraná conhecer de perto o funcionamento do Conseleite-PR, o primeiro conselho com essa finalidade no país. A Faemg está em processo de instalação dessa ferramenta de apoio ao produtor naquele Estado.

“Nesse encontro pude observar que o grande desenvolvimento do setor leiteiro na região Sul se deve muito a eficiência e competência do Conseleite-PR. Uma ferramenta que permite acompanhamento e diálogo contínuo entre produtores e indústrias. No meu entendimento não há outro caminho para o crescimento senão a interação permanente desses atores”, afirma Pena.

De acordo com o representante da Faemg, o segmento de leite no Estado mineiro enfrenta dificuldades de produção relativas às diferenças climáticas pela extensão geográfica, pela dificuldade da falta de consumo, pois o Estado não consome todo o leite que produz, e ainda, a queda na captação que foi de 10% esse ano.

Também participou do encontro o vice-presidente da Federação dos Trabalhadores Rurais na Agricultura do Estado do Paraná (Fetaep), Marcos Junior Brambilla. Ele ressaltou a importância de estimular a eficiência e a sustentabilidade econômica nas pequenas propriedades que trabalham com leite.

“Essa sustentabilidade passa pela informação e conhecimento. Para isso tanto produtores como trabalhadores contam com os cursos do SENAR-PR, que são gratuitos e contribuem significativamente para elevar o padrão de produção e processos nessas propriedades que atuam na bovinocultura de leite”, completa.

# Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

## RESOLUÇÃO Nº 04/2016

A diretoria do Conseleite-Paraná reunida no dia 19 de abril de 2016 na sede da FAEP na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II, do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em março de 2016 e a projeção dos valores de referência para o mês de abril 2016, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.

### VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - MARÇO/2016

| Matéria-Prima | Valor Projetado em março/2016 | Valor Final março/2016 | Diferença (projetado-final) |
|---------------|-------------------------------|------------------------|-----------------------------|
| Leite PADRÃO  | 0,9892                        | 1,0057                 | 0,0165                      |

### VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE\* - MARÇO/2016 E PROJETADOS PARA ABRIL/2016

| Matéria-Prima | Valores Finais março/2016 | Valores Projetados em abril/2016 | Diferença (projetado-final) |
|---------------|---------------------------|----------------------------------|-----------------------------|
| Leite PADRÃO  | 1,0057                    | 1,0410                           | 0,0353                      |

(\*) Os valores de referência da tabela são para a matéria-prima leite "posto propriedade", o que significa que o frete não deve ser descontado do produtor rural. Nos valores de referência está incluso Funrural de 2,3% a ser descontado do produtor rural

**Observações:** Os valores de referência indicados nesta resolução correspondem a matéria-prima leite denominada "Leite PADRÃO", que se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de abril de 2016 é de

**R\$ 1,8757/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: [www.sistemafaep.org.br/conseleite](http://www.sistemafaep.org.br/conseleite)

Curitiba, 19 de abril de 2016

**WILSON THIESEN** Presidente | **RONEI VOLPI** Vice - Presidente





## Café mais forte

A atual safra brasileira de café poderá superar as estimativas iniciais em função das chuvas bem distribuídas na época certa. Diante das lavouras saudáveis, a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic) estima a safra em 53 milhões de sacas. No início do ano, a projeção da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) era de até 51,94 milhões de sacas. No ano passado, em função das secas nas principais regiões cafeeiras do país, a colheita resultou em 43,24 milhões de sacas. As lavouras cobertas com a variedade arábica têm recebido uma melhor influência do clima, o que irá compensar eventuais perdas na safra de café robusta. Na esteira, o consumo também poderá aumentar. Diante da crise econômica, os consumidores estão optando por marcas mais baratas para não abandonar o hábito de beber café, segundo a Abic. O consumo pode chegar a 21,3 milhões de sacas em 2016, contra 20,6 milhões na temporada passada.

## Lei de Integração vai para sanção presidencial

O Plenário do Senado aprovou no dia 20 de abril, o Projeto de Lei 6459/13, conhecido como PL da Integração, que trata dos contratos de integração e estabelece condições, obrigações e responsabilidades nas relações contratuais entre produtores integrados e integradoras.

Para a FAEP uma legislação que defina a relação econômica

entre integrados e integradoras é uma conquista que permitirá uma comercialização dentro de parâmetros mais justos e consensuais. A Federação trabalhou sistematicamente para que a medida fosse aprovada. A última ação foi no dia 18 de março, quando o presidente da FAEP, Ágide Meneguette, encaminhou ofício a deputados federais da bancada paranaense e aos parlamentares da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) pedindo atenção ao Projeto de Lei. No dia 22 de março, o pedido foi aprovado e o Projeto de Lei finalmente acatado. Agora a PL segue para sanção presidencial.

## Cidade Gaúcha oferece curso para pecuaristas

O Sindicato Rural de Cidade Gaúcha organizou uma capacitação para os pecuaristas da região. O projeto envolve o Comitê Regional do Plano de Desenvolvimento da Bovinocultura de Corte do Paraná de Cidade Gaúcha e a Emater-PR. Em uma reunião realizada dia 5/4, que contou com a presença de 22 produtores das cidades de Cidade Gaúcha, Cianorte e Rondon, foi apresentado um plano de treinamento elaborado pela Emater.

O curso tem 32 horas. Nessa região as aulas já começaram com o extensionista e zootecnista da regional da Emater João Batista Barbe. Entre os temas abordados: o sistema de produção novillo precoce (alimentação, cruzamento industrial, sanidade,

manejo de todas as fases desde a concepção até o abate e instalações); organização dos produtores para a comercialização diferenciada e gestão da propriedade.



# Novo piso salarial

Valor regional para os trabalhadores rurais é de R\$ 1.148,40, e vale a partir de 1º de maio



O novo valor para o piso salarial regional foi aprovado no último dia 12 de abril por representantes do governo estadual, centrais sindicais, representantes de entidades empresariais, o Superintendente regional do Ministério do Trabalho e do Ministério Público do Trabalho. As novas faixas salariais variam de R\$ 1.148,40 a R\$ 1.326,60.

Para os trabalhadores rurais, em caso de sindicatos que não fizeram convenção de acordo coletivo, o piso será de R\$ 1.148,40. Na reunião que ocorreu na secretaria do Trabalho e Emprego, a FAEP esteve representada pelo diretor financeiro, João Luiz Rodrigues Biscaia e pelo coordenador do Departamento Jurídico, Klauss D. Kuhnen.

**Veja abaixo as quatro faixas salariais utilizadas para definir o piso de cada um dos grupos de ocupações.**

## • Grupo I

Formado por trabalhadores na agricultura: R\$ 1.148,40.

## • Grupo II

Trabalhadores em serviços administrativos, vendedores e trabalhadores de reparação: R\$ 1.190,20.

## • Grupo III

Trabalhadores na produção de bens e serviços industriais: R\$ 1.234,20.

## • Grupo IV

Composto por técnicos de nível médio: R\$ 1.326,60.

A legislação também define que será praticado o mesmo percentual de reajuste que é utilizado para o Salário Mínimo Nacional para o período de 2017 a 2020.

A data-base será antecipada em um mês a cada ano, até chegar ao mês de janeiro no ano de 2020, seguindo o mesmo padrão dos demais Estados que praticam o piso regional, assim como o salário mínimo nacional.

# Araucária em festa

Sindicato rural do município, um dos mais antigos do Estado, comemorou 50 anos de fundação



O Sindicato Rural de Araucária, na Região Metropolitana de Curitiba, está em festa. No último dia 24 de abril, a instituição – que faz parte do hall das mais antigas do Paraná – comemorou 50 anos de existência com um grande evento festivo cheio de histórias e homenagens.

Na abertura das festividades, os integrantes da diretoria e as dezenas de convidados cantaram o hino nacional. Em seguida, o presidente Antonio Gembaroski apresentou um relatório sobre as principais atividades realizadas nas últimas cinco décadas. Posteriormente, o engenheiro Rizio Wachowicz, responsável pelo projeto do prédio onde está instalado o sindicato desde novembro de 1976, e o presidente dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Araucária, Pedro Aloise Woicik, fizeram um discurso destacando o importante papel da entidade para os produtores da região.

O evento ainda contou com homenagens às viúvas dos dois primeiros presidentes da entidade: Ely Hermenezildo de Andrade, primeiro presidente provisório e responsável pela tarefa de organizar o sindicato em 1966, e Isidoro Volski, primeiro presidente eleito. “Também homenageamos as secretárias que já trabalharam no sindicato. É importante reconhecer todos os profissionais que ajudaram a construir a história da nossa entidade”, destaca Gembaroski. Na sequência, os presentes cantaram “Parabéns pra você” e participaram de um coquetel. A cerimônia foi acompanhada pelo diretor secretário da FAEP, Livaldo Gemin.

A festa ainda foi palco para a posse da nova diretoria do Sindicato Rural de Araucária pelo o próximo triênio. Antonio Gembaroski foi reconduzido ao cargo de presidente.

## Histórico

O Sindicato Rural de Araucária foi fundado no dia 24 de abril de 1966, após assumir o lugar da antiga associação rural, formada em 1940. Na época, por exigência da lei federal, o presidente da associação precisou convocar uma assembleia extraordinária. Na ocasião, 24 associados promoveram a transformação da associação em sindicato. Atualmente, a entidade conta com 2.552 produtores no quadro de associados.

O sindicato tem uma atuação voltada para a assistência dos produtores de soja, milho e hortifrutigranjeiros, principais atividades do município. No ano passado, 18 cursos em parceria com o SENAR-PR foram realizados para os associados. Além disso, o corpo técnico da instituição tem, nos últimos meses, prestado total assistência aos produtores no preenchimento do Cadastro Ambiental Rural (CAR). “Sempre estamos à disposição para ajudar todo e qualquer produtor, associado ou não. Inclusive nosso projeto para o futuro é ter autoridade de oferecer serviços para fora”, aponta Gembaroski.

**Andirá****Inclusão digital**

O Sindicato Rural de Andirá realizou, em parceria com a Emater e o Centro de Referência em Assistência Social, no Distrito Nossa Senhora Aparecida, nos dias 21, 22, 23, 28 e 29 de março, o curso Programa de Inclusão Digital – introdução a informática – word, excel, e-mail e internet. Participaram 13 produtoras rurais com o instrutor Célio Marques Luciano Gomes.

**Ivaí****Fruticultura**

O Sindicato Rural de Ivaí realizou no dia 24 de março o curso Trabalhador na Fruticultura Básica - morangueiro em parceria com a Emater. Participaram 10 produtores rurais com o instrutor Luiz Sérgio Krepki.

**Cidade Gaúcha****JAA**

No dia 21 de março o Sindicato Rural de Cidade Gaúcha realizou duas reuniões com os pais e estudantes interessados em participar do Programa Jovem Agricultor Aprendiz (JAA) - Preparando para a gestão. Participaram 131 pessoas que ouviram uma apresentação sobre o programa seus objetivos, cronograma e conteúdos.

**Jacarezinho****Comunicação**

O Sindicato Rural de Jacarezinho promoveu nos dias 15 e 16 de fevereiro, em parceria com a Secretaria de Agricultura e a Usina Dacalda o curso Gestão de Pessoas - comunicação e técnicas de apresentação. Participaram 16 produtores rurais com a instrutora Carmen Mercedes Zuan Benedetti.

## Maringá



### Conservas

O Sindicato Rural de Maringá realizou em sua extensão de base em Ivatuba, nos dias 20 e 30 de março o curso Produção Artesanal de Alimentos - conservação de frutas e hortaliças - conservas molhos e temperos. Participaram 11 produtoras rurais com o instrutor Sérgio Kazuo Kawakami.

## São Mateus do Sul



### Artesanato

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul realizou, na Comunidade da Divisa, nos dias 17 e 18 de março, em parceria com o Clube de Mães, o curso Artesanato em Bambu – básico. Participaram 13 produtoras rurais com a instrutora Joelma Kapp.

## São João



### Assembleia

O Sindicato Rural de São João realizou no dia 1º de abril a Assembleia Geral Ordinária Orçamentária e Prestação de Contas. O encontro aconteceu na Associação Atlética Coasul e contou com a participação de 90 pessoas entre associados e convidados.

## Tibagi



### Primeiros Socorros

O Sindicato Rural de Tibagi, em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo e a operadora Parada do Quartelá, realizou nos dias 31 de março e 1º de abril Trabalho na Segurança no Trabalho - Primeiros Socorros. Participaram 14 produtores e trabalhadores rurais com o instrutor Fernando Jodas.



## A Mortadela

Muito apreciada, e bastante lembrada nas caminhadas contra o impeachment (dizem as más línguas que os apoiadores distribuíam sanduíches para quem concordasse em participar dos protestos a mortadela já teve seus dias de estrela de cinema. *A Mortadela* é o título de uma comédia italiana em que Sophia Loren tenta entrar com uma peça do embutido nos Estados Unidos – um presente para o noivo, que imigrou para o país.

## Os feiosos

A Ugly Animal Preservation Society (Sociedade para Preservação dos Animais Feios, um grupo que reúne humoristas e ecologistas, com o objetivo de estimular a conservação do meio ambiente com um tom mais criativo), uma organização com sede na Inglaterra, fez em 2012 uma eleição via internet para escolher os bichos mais feios do mundo. O mais votado tornou-se mascote do grupo. Veja os “preferidos”:



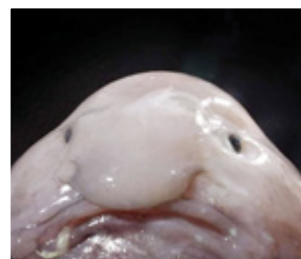
Elefante marinho



Rato-toupeira pelado



Macaco narigudo



Peixe-bolha

## Bilhões e bilhões

Uma das vantagens da região rural é poder desfrutar das noites estreladas sem que o céu seja ofuscado pela iluminação artificial. Só assim, por exemplo, conseguimos ver a Via Láctea, que é o “corpo” da galáxia onde nós mesmos estamos. Segundo os astrônomos, ela pode conter até 400 bilhões de estrelas!

## Facilita...

No barbeiro, o profissional e seu freguês conversam, discutindo as últimas ocorrências policiais. A certa altura, o cliente dispara:

— Você conta cada história que me deixa de cabelo em pé!

O homem responde:

— Sim, sim... É que facilita bastante o meu trabalho!



## Coquinho arteiro

A Rita, leitora do BI, mandou a foto do Coquinho, mascote da família. Arteiro, o cãozinho tinha acabado de derrubar e quebrar três vasos de orquídeas. “Aí fica em pé no banquinho, mostrando a língua. Vê se pode?”, comenta ela. Pois é, Coquinho, que comportamento feio...

Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo e-mail: [imprensa@faep.com.br](mailto:imprensa@faep.com.br)



## Que cor é essa?

Segundo os especialistas, a cenoura que nós comemos hoje, de cor alaranjada, é uma “invenção” do homem, que foi selecionando ao longo dos anos variedades de cores mais claras. As cenouras “originais”, dizem, eram roxas por fora e brancas ou amareladas por dentro. Foram cultivadas pela primeira vez na região onde hoje fica o Afeganistão.



## Vocês estão brigando por quê?

Em 1864, Espanha e sua ex-colônia do Peru entraram em guerra. Os espanhóis ocuparam as Ilhas Chincha, no litoral peruano. A guerra naval envolveu também Chile, Equador e Bolívia e levou até os Estados Unidos a enviarem um navio de guerra à região. O interesse econômico era evidente: as ilhas eram um importante local para extração de guano, mineral rico em fosfatos e usado para a produção de fertilizantes, formado pela deposição de excrementos de aves marinhas durante milhares de anos – uma espécie de cama aviária superdesenvolvida.

Os combates se estenderam por dois anos. Dez anos depois, a maioria dos depósitos de guano já estava esgotada.

## Ano 105

Na Coreia do Norte, este ano não é 2016. Os norte-coreanos usam calendário Juche, em que a data central é 15 de abril de 1912, dia do nascimento do ex-presidente Kim Il-sung. Por isso, eles estão por lá no ano 105.



# O FOTÓGRAFO DAS HORAS VAGAS

Haruo Ohara foi um fotógrafo de mão cheia e olhos apurados, como dizem por aí. Ao longo de décadas, registrou, com maestria e sensibilidade, o cotidiano das lavouras e da área urbana da região de Londrina, no Norte do Estado, para onde migrou em 1933 e fixou residência até sua morte em 1999. Antes, logo ao desembarcar no Brasil vindo do Japão, passou alguns anos no interior de São Paulo trabalhando em fazendas de café.

Nascido na cidade de Kochi, no Sul do Japão, em 1909, a arte de Haruo Ohara agora retorna a sua cidade natal. No último dia 9 de abril, lá do outro lado do globo, foi aberta a exposição 'Haruo Ohara: Fotografias'. O principal objetivo da mostra é ampliar o contato do público japonês com a obra de Haruo. A partir de 400 fotos e um conjunto com 39 objetos, entre documentos, ferramentas, álbuns e fotografias originais, o Japão pode conhecer um pouco mais sobre o fotógrafo que, como poucos, registrou com eficiência o homem do campo e os eventos da cidade.

"Meu tio nunca retornou ao Japão desde que veio para o Brasil. Essa exposição é o retorno triunfal às suas origens. Isso é motivo de orgulho para a família", destaca Jorge Nishikawa, atual presidente do Foto-clube de Apucarana e ex-presidente do sindicato rural da cidade.

A exposição fica em Kochi até dia 12 de junho, quando segue para a cidade de Itami, com abertura seis dias depois. Os moradores de Itami terão um mês, até dia 18 de julho, para visitar a mostra. No dia 22 de outubro, a exposição será aberta na cidade de Kiyosato, onde permanece até 4 de dezembro.

## Trajatória

Apesar do vasto conhecimento sobre técnicas de fotografia, Haruo Ohara era um fotógrafo nas horas vagas. Logo que chegou ao Brasil, com 17 anos em 1927, começou a trabalhar em fazendas de café no Estado de São Paulo, mesmo ofício que acumulou ao se mudar para Londrina, em 1933. Em seguida, no Norte do Estado,

iniciou a plantação de frutas e flores.

De forma paralela a lavoura, Haruo aprofundava os conhecimentos da fotografia por meio da leitura de revistas especializadas. Entre os anos 1940 e 1970, tinha como opção a fotografia em preto e branco. Em seguida, partiu para as coloridas, que ajudaram a realçar as imagens de flores, árvores e eventos familiares.

Em 1951, Haruo ajudou a fundar o Foto-cine Clube de Londrina, associou-se ao Foto-cine Clube Bandeirantes, de São Paulo, e participou de salões fotográficos. Em 1988, Haruo foi homenageado durante a comemoração dos 80 anos de imigração japonesa no Brasil. Em 2008, seus mais de 20 mil negativos foram doados ao Instituto Moreira Sales (IMS), que preserva o acervo.



### Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná  
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar  
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

### EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- |   |  |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se                                 | <input type="checkbox"/> Falecido      |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido                             | <input type="checkbox"/> Ausente       |
| <input type="checkbox"/> Recusado                                 | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente                    |  |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado                 |  |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico |  |

### REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em   /  /   \_\_\_\_\_ Responsável  
Em   /  /   \_\_\_\_\_

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br  
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |  
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo  
está disponível no site:

[sistemafaep.org.br](http://sistemafaep.org.br)